



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA**  
**CENTRO DE INTEGRAÇÃO ACADÊMICA**  
**LICENCIATURA EM PEDAGOGIA**

**ARLY OLIVEIRA DA LUZ**

**A LITERATURA INFANTIL NO COTIDIANO ESCOLAR: espaço de criatividade,  
imaginação e aprendizagem.**

**CAMPINA GRANDE**

**2013**

**ARLY OLIVEIRA DA LUZ**

**A LITERATURA INFANTIL NO COTIDIANO ESCOLAR: espaço de criatividade, imaginação e aprendizagem.**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado como requisito parcial para obtenção do título de Licenciatura em Pedagogia pelo Curso de Pedagogia da Universidade Estadual da Paraíba – UEPB - Campus I – Campina Grande – PB.

Orientadora: da Prof<sup>a</sup>. Ms. Maria de Lourdes Cirne Diniz.

Campina Grande

2013

FICHA CATALOGRÁFICA ELABORADA PELA BIBLIOTECA CENTRAL – UEPB.

L979I Luz, Arly Oliveira da.

A literatura infantil no cotidiano escolar  
[manuscrito] : espaço de criatividade, imaginação e  
aprendizagem. / Arly Oliveira da Luz, 2013.  
38 f.

Digitado.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em  
Pedagogia) – Universidade Estadual da Paraíba,  
Centro de Educação, 2012.

“Orientação: Profa. Ma. Maria Lourdes de Cirne  
Diniz, Departamento de Pedagogia”.

1. Educação Infantil 2. Leitura 3. Contação de  
História I. Título.

21. ed. CDD 372.4

ARLY OLIVEIRA DA LUZ

A LITERATURA INFANTIL NO COTIDIANO ESCOLAR: espaço de criatividade,  
imaginação e aprendizagem.

Aprovado em: 28/11/2013

Nota: 90 (max)

BANCA EXAMINADORA

Maria Lourdes C. Diniz

Prof.<sup>a</sup>. Ms. Maria Lourdes C. Diniz - UEPB

Orientadora

Christinne Ferreira Silva Oliveira

Prof.<sup>a</sup>. Espec. Christinne Ferreira Silva Oliveira - UEPB

Banca Examinadora

Livânia Beltrão Tavares

Prof.<sup>a</sup>. Ms. Livânia Beltrão Tavares - UEPB

Banca Examinadora

## **A LITERATURA INFANTIL NO COTIDIANO ESCOLAR: espaço de criatividade, imaginação e aprendizagem**

LUZ, Arly Oliveira da

### **RESUMO**

O presente artigo é fruto do projeto de pesquisa de Estágio Supervisionado IV em Educação Infantil intitulado “A Contação de histórias no cotidiano escolar: espaço de criatividade, imaginação e aprendizagem”, o qual tem por objetivos compreender como a contação de histórias está sendo trabalhada no desenvolvimento intelectual, emocional e cultural da criança da educação infantil, buscando também investigar o desenvolvimento do hábito pela leitura de maneira significativa e como esta sendo promovido o desenvolvimento da oralidade e da escrita da criança através da contação de história. O campo de investigação da pesquisa foi uma Escola Municipal da cidade de Esperança-PB, que atende do pré-escolar II ao fundamental I. A metodologia adotada nesse projeto é de caráter qualitativo e participativo dos sujeitos da pesquisa as professoras da sala de aula e os alunos. Para tanto, estamos trazendo teóricos como: Cademartori (2010), Góes (2010) e Cullinan (2001), entre outros, para nos referenciar a este tema. No decorrer desta pesquisa estivemos em campo com objetivo de coletar dados importantes através de questionários com perguntas abertas as professores, adotamos também diário de campo para estarmos registrando de que forma as vivências com histórias infantis está sendo trabalhada no cotidiano escolar da educação infantil pelas as professoras. A relevância de trabalharmos a contação de histórias na sala da pré-escola é de grande importância, pois a criança desde cedo precisa ter contato com os livros, histórias contadas e recontadas para ela. A literatura infantil é uma arte, na sua forma de expressão, na linguagem, no pensamento e para a criança é necessário que seja utilizada de maneira prazerosa. Concluindo a pesquisa com a análise dos dados coletados fazendo referencias com teóricos.

**Palavras- chaves:** Literatura. Educação Infantil. Criança.

## INTRODUÇÃO

O presente artigo de pesquisa “A Literatura Infantil no cotidiano escolar: espaço de criatividade, imaginação e aprendizagem” teve como objetivo compreender como a Literatura Infantil está sendo trabalhada no desenvolvimento intelectual, emocional e cultural da criança da educação infantil, buscando também investigar o desenvolvimento do hábito pela leitura de maneira significativa e como estar sendo promovido o desenvolvimento da oralidade e da escrita da criança através da contação de história.

Esta pesquisa foi realizada a partir da Prática de Estágio do Curso de Pedagogia, na Educação Infantil, que se fez importante, pois contribuiu de maneira expressiva para nossa formação. Para tanto, buscamos concepções nos teóricos como: Cademartori (2010), Góes (2010), Cullinan (2001), Magalhães (2001) e Coelho (1985), entre outros, para nos referenciar a este tema.

No decorrer dessa pesquisa fomos a campo com o objetivo de coletar dados importantes através de entrevistas com professores e também aplicação de questionário com perguntas abertas, adotamos também ficha de observação e diário de campo para estarmos constatando de que forma as vivências com histórias infantis está sendo trabalhada no cotidiano escolar da educação infantil. A relevância de trabalharmos a contação de histórias na sala da pré-escola é de grande importância, pois a criança desde cedo precisa ter contato com os livros, histórias contadas e por elas recontadas para ela. A literatura infantil é uma arte, na sua forma de expressão, na linguagem, no pensamento e para a criança é necessário que seja utilizada de maneira prazerosa.

A Literatura está presente através da contação de histórias para a criança, nas suas primeiras histórias contadas pelas famílias, através destas começa a surgir o diálogo, o respeito pelo saber ouvir e compreender o outro, indagar, criticar e criar novas possibilidades para as histórias e até mesmo sua própria história de vida. Esse é um processo pelo qual a criança deve passar desde sua mais tenra idade, no meio familiar e sendo desenvolvido de maneira mais aguçada na creche/pré-escola pelo professor. O contato da criança com a linguagem literária na escola deve ser de maneira em que o professor encontre um meio, em que a criança não perca o sentido do lazer, do prazer e do encantamento pela literatura, mostrando que além

de ter acesso a esse mundo imaginário, com ele pode-se também aprender coisas novas de maneira lúdica, podendo desenvolver sua identidade presente no meio em que vive no plano de linguagem oral e escrita, da cultura racional e moral, podendo estar consciente da nossa diversidade presente em nosso país, nossa região, ou seja, na nossa sociedade na qual vivemos e temos o dever de conhecer e reconhecer a cada um dentro de sua importância e respeito, então com a literatura infantil é possível trabalharmos tudo isso na nossa prática de educador.

O ponto de vista metodológico da pesquisa teve como campo de investigação uma Escola Municipal da cidade de Esperança-PB, que atende do Pré-Escolar II ao Fundamental. Adotamos como método para esta pesquisa entrevistas e questionários com respostas abertas realizadas com 3 professoras, uma pesquisa de caráter qualitativo e participativo com os sujeitos da pesquisa que fora as professoras. De acordo com Minayo (1994, p.21) “a pesquisa qualitativa responde a questões muito particulares. Ele se preocupa, nas ciências sociais, com um nível de realidade que não pode ser quantificado”, ou seja, trabalham com o universo de significados, motivos, crenças, valores e atitudes, que por sua vez, proporciona ao pesquisador a relacionar-se com a vivência, compreendendo e explicando os atributos do objeto de estudo. O nosso propósito nesse trabalho foi verificar como a literatura infantil está sendo trabalhada dentro do espaço escolar e como está desenvolvendo a imaginação, criatividade e aprendizagem da criança. Diante dos dados coletados, fizemos análise do mesmo com fundamentações teóricas, encerrando com as considerações finais.

Por outro lado, esse tema “A Literatura Infantil no cotidiano escolar: um espaço de criatividade, imaginação e aprendizagem” aborda que é possível o professor e as crianças o prazer pela leitura, conduzindo-as a originalidade, novas aprendizagens significativas, buscando desconstruir e construir a ideia de histórias literária apenas com valor moral e pedagógico. Esse trabalho também acredita na parceria da família com a escola no que diz respeito à contação de história no seu lar. Um momento de grande importância para a criança. Através do acesso ao acervo literário tanto da criança como da família. A partir do momento que temos essa relação entre professor/aluno/família todos entram em contato com novas maneiras de aprendizagens onde todos se propõem a aprender cada vez mais de forma lúdica e divertida.

## EDUCAÇÃO INFANTIL NO SEU PROCESSO HISTÓRICO NO BRASIL

É possível perceber que a Educação Infantil nem sempre teve tanta importância para a sociedade, como tem tido nas últimas décadas, ou seja, não existia esse termo Educação Infantil que se trata da educação de crianças de 0 a 5 anos e 11 meses. Sabemos que, a criança era vista pela a sociedade como um adulto em miniatura Aries (1973), sem nenhum olhar especial a sua idade ou fragilidade, sem falar da necessita de cuidados e atenção, mas sim a criança era tida como um ser que, podia exercer as mesmas atividades dos adultos. A educação da criança sempre foi atribuída à instituição da família, em particular as mães, que não trabalhava fora, ficando assim, a função de cuidar e educar os filhos. Mas, com a chegada da Revolução Industrial em meados do XVIII, e especificamente no Brasil no final do século XIX, essa estrutura familiar, da educação das crianças começou a ser modificada, uma época de muitas mudanças na sociedade, onde a mão-de-obra estava sendo muito solicitadas com a chegada das fábricas no processo da indústria, as mulheres começaram a ter uma jornada de trabalho fora do lar, nas fábricas industriais. “Nesse sentido, diante das necessidades emergentes, criadas nessa nova sociedade, a mulher foi obrigada a ajudar nas despesas da família, assumindo uma jornada de trabalho bastante pesada fora do lar” (LOUZADA, 2009, p.13).

Refletindo o que a autora diz, vimos que as crianças não tinham com quem ficar e muitas eram abandonadas nas ruas sem nenhum cuidado, desprotegidas e correndo riscos. Daí com essa grande proliferação de crianças, pessoas nas ruas, sem nenhuma ocupação, estavam aumentando a marginalidade, as doenças, às epidemias entre outros casos. Segundo Didonet (2001) citado por Loureiro (2010, p.10) foi a partir daí “que a criança começou a ser vista pela a sociedade (...). E com um sentimento filantrópico, criativo, assistencial é que começou a ser atendida fora da família”. Essas crianças eram tanto filhos de operárias que trabalhavam na indústria como filhos de empregadas domésticas.

Comisso surgem as Creches e Pré-Escola, assim compondo a Educação Infantil para atender essas crianças que precisavam de cuidados fora da família e não ficarem nas ruas desamparadas, contraindo doenças e aumentando a imortalidade infantil, com esses surgimentos de creches populares a preocupação maior era com o que se referia à higiene, alimentação e segurança física da criança.



Mesmo com esse novo pensamento e surgimento dessas instituições da Educação Infantil prevalecia uma dicotomia entre a creche e a pré-escola, ou seja, o cuidar e o educar. O primeiro tinha como objetivo principal a questão de erradicar a mortalidade de crianças, cuidando delas mantendo-as bem alimentadas e com saúde, buscando também tirar elas das ruas e cuidar enquanto suas mães trabalhavam.

A questão de classe social econômica era muito evidente, nessa dicotomia, ou seja, a divisão entre as crianças pobres e da burguesia era evidente a diferenciação nos mostrou. Segundo Loureiro (2010, p. 14).

Enquanto as creches foram criadas visando cuidar das crianças pobres e evitar que elas ficassem na rua, as pré-escolas, originalmente, se constituíram como instituições de caráter educacional visando o desenvolvimento cognitivo da criança.

A literatura aponta que a infância, desde os primórdios da humanidade, sempre foi marcada pela marginalidade social, cultural, econômica e educativa. Dessa forma, trazemos para reflexão o que enfatiza Zabalza(apud FRANCO 2002, p.32) que: “as crianças tiveram que viver sempre em mundo que não era seu, que não foi feito para o seu tamanho [...]”. Em se tratando da realidade brasileira desde meados do século XIX, registra-se também, que a criança teve sua infância disfarçada, assumindo um mundo do trabalho, a conviver com situações adversas do seu mundo infantil. Haja vista, enfatizamos até o início da República, o povo se fazia em prol da criança pequena, observando, portanto, iniciativas isoladas de proteção à infância.

Para Oliveira (2002) no que diz respeito às décadas, podemos focalizar que cada uma teve seu período destinado à infância, em pouco fragmentado, quando a década de 20, voltada para a assistência à infância basicamente em instituições particulares, escolas modernas e jardins de infância.

A partir das décadas de 30 e 40, foi direcionado para o conceito de assistência social para as crianças pequenas, referente às questões emocionais e sociais. Nas décadas de 60 e 70, a educação e seus estudos estavam voltados para a privação cultural, função de suprir as necessidades fundamentais da criança, cujo ensino era de cunho compensatório, preparatório que segundo Kramer (2001) o conceito de educação compensatória teve início a partir das ideias de Pestalozzi

(1746-1827), Fröebel (1782-1852) e Montessori (1870-1952), concebendo assim, a Educação Infantil de crianças de 0 a 6 anos, como forma de superar a miséria, a pobreza e a negligência dos familiares.

Entre 1980 e 1990, com as mudanças sociais e políticas, o setor pressionado pelas mobilizações da sociedade e classes populares, em favor da criança e do adolescente, com suas reivindicações, na luta por creches para educação de qualidade (para suprir a quase ausência do Estado). Nesse contexto, com base nessas lutas de setores da sociedade civil organizada resultou num reordenamento legal que contemplasse o atendimento a infância e a criança nos seus direitos específicos, firmando uma nova doutrina para infância, a criança deixa de ser vista como objeto de tutela e passa ser visto como sujeito de direitos, na construção de sua cidadania participativa, no cotidiano escolar, familiar e social.

Dessa forma, o Brasil teve seus avanços em termos de legislação para a concepção de atenção a criança, a partir de 1988, em que a Constituição foi um marco histórico para a Educação Infantil, destacando no seu (art. 205) o panorama atual, em termos de leis que norteiam o atendimento das crianças de 0 a 5 anos são: A Constituição Brasileira de 1988; Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA) lei 8.069/90; Lei sobre Sistema Único de Saúde (SUS) 8.080/90; Lei Orgânica da Assistência Social (LOAS) 8.742/93 e Lei de Diretrizes e Bases da Educação- LDB (9.394/96), todas elas contribuíram e contribuem de maneira expressiva para um novo olhar para a criança e o adolescente.

É importante frisar, que essa legislação enfatiza a criança como um sujeito de direito. Por outro lado, seja uma integração entre as áreas envolvidas, no atendimento a criança, tendo as ações de educação como centralidade (BRASIL, 1999, p.06). Lembrando que na década de 90 os movimentos da sociedade civil e medidas sancionadas pelo poder público, uma nova instabilidade em relação ao significado de infância e de Educação Infantil para a sociedade, no que se refere a criança de 0 a 6 anos e a sua formação. A Reformulação de Currículos e Propostas Pedagógicas e Formação de Professores nessa área. Para tanto, foi elaborado o RCNEI (1998), referencial cujo objetivo era orientar os profissionais na sua prática educacional com crianças de 0 a 6 anos de idade(LANZER, 1999, p. 140).

A Educação Infantil ao longo dos tempos passou por vários significados, conceitos, concepções, mediante a realidade sócio histórico da sociedade e da família. Segundo Kramer e Abramovay (1999, pp. 23-27) são várias as funções que a

pré-escola assumiu historicamente, isto falando também das concepções de Educação Infantil para nos apropriar melhor dessa ideia ao longo do tempo: a educação como conceito de “infância”, o assistencialismo, o cunho compensatório (a pré-escola para compensar as carências infantis da época); outra função era promover o desenvolvimento global e harmônico da criança (a pré-escola com objetivo em si mesma, ou seja, a pré-escola “reparadora” dos males sociais) e a de instrumentalizar as crianças (a pré-escola com função pedagógica) um trabalho voltado para os conhecimentos das crianças, levando em consideração a realidade, como ponto de partida, construindo assim novos conhecimentos e novas aprendizagens.

Com a promulgação da Constituição de 1988, o reconhecimento da Educação Infantil, o direito à educação, vendo a criança como um sujeito histórico, capaz de participar do processo cultural do qual o mesmo está inserido, a LDB 9.394/96 também, enfatiza as duas funções da Educação Infantil hoje: cuidar e educar de formas indissociáveis, contemplando os cuidados e a educação realizados na família, sendo que desta maneira não deva haver dicotomia entre essas duas funções, que está relacionada diretamente com a Educação Infantil.

Para tanto, essa visão consolidou mais, e a questão da dicotomia entre a creche e a pré-escola e sua função do cuidar e do educar já está diferente na nossa sociedade atual, a Educação Infantil não é mais vista com esse olhar de separação. Nessa modalidade da Educação Infantil, o papel não é apenas o cuidar, mas o educar, onde ambos buscam caminhar juntos.

De acordo com o RCNEI (BRASIL, 1998, p. 23).

Nas últimas décadas, os debates em nível nacional e internacional apontam para a necessidade de que as instituições de educação infantil incorporem de maneira integrada as funções de educar e cuidar.

Por outro lado, educar esse pequeno cidadão, visando sua participação em sua sociedade, o qual desde cedo já participa, por isso é necessário desenvolver seu cognitivo, sua imaginação, sua ampliação cultural de aprendizagem e desenvolvimento. O RCNEI ainda acrescenta que: “educar significa, portanto, propiciar situações de cuidados, brincadeiras e aprendizagens orientadas de forma integrada e que possam contribuir para o desenvolvimento das capacidades infantis” (BRASIL, 1998, p.23).

Ainda retomando, no século XX, a persistência dessa dicotomia era muito social, mesmo com os profissionais que trabalhavam nas creches e pré-escolas. Pois as creches eram dirigidas por profissionais da saúde e assistentes sociais ou indivíduos sem nenhuma formação profissional relacionado ao caráter do (cuidar) mesmo. Já nas pré-escolas, o professor é que exercia este trabalho com o foco no educar dos pequenos onde era o primeiro momento da escola buscando ampliar o seu desenvolvimento integral. Nos dias atuais essa situação mudou, pois de acordo com a LDB (9.394/96) é necessário um novo “perfil para esse profissional da Educação Infantil, na qual surge a nova concepção de creche e pré-escola, que lhes confere caráter educativo, as exigências sociais do mundo contemporâneo com constante mutação e a função da escola neste novo contexto” (WASJSKOP, 1999).

Conforme a LDB dispõe, no título VI, art. 62 que: “A formação de docentes para atuar na educação básica far-se-á em nível superior, em curso de licenciatura, de graduação plena, em universidades e institutos superiores de educação, admitida, como formação mínima para o exercício do magistério na educação infantil e nas quatro primeiras séries do ensino fundamental, a oferecida em nível médio, na modalidade Normal” (BRASIL, p.39). Essa lei faz com que haja maior valorização tanto ao profissional como a essa modalidade de ensino contribuindo de maneira qualitativa para o desenvolvimento pleno da criança, assim os cargos sendo ocupados realmente profissionais que são qualificados especialmente para atuar nessa modalidade da educação, e não sendo por pessoas comuns sem nenhuma qualificação profissional superior adequada a atuação.

É importante para o desenvolvimento e aprendizado das crianças um profissional da educação preparado para exercer seu trabalho dentro da área. O professor da educação infantil é obrigado a conhecer e dominar todas as propostas pedagógicas para se trabalhar na educação e seus objetivos frente ao desenvolvimento da criança como propõe as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil (DCNEI) de 2009. Na sua proposta o profissional deve possibilitar a criança de acordo com a DCNEI (BRASIL, 2009, p. 17) “promovendo a igualdade de oportunidades educacionais entre as crianças de diferentes classes sociais no que se refere ao acesso a bens culturais e as possibilidades de vivência da infância.” Essa é uma das concepções que o educador deve promover na sua prática pedagógica, além de objetivar na educação Infantil, que a criança tenha pleno acesso a apropriação, renovação e articulação de conhecer e aprender as mais

diversas linguagens do nosso meio social, proporcionando o direito à saúde, liberdade, respeito, ao brincar, a convivência e interação com as outras crianças.

O professor dessa fase escolar deve estar ciente de seu importante papel de mediação no desenvolvimento da criança e para tal é indispensável um profissional preparado, qualificado, que saiba garantir a suas crianças experiências que favoreça o seu desenvolvimento afetivo, cognitivo, motor, social entre outros. Na prática infantil é fundamental que “promovam o relacionamento e a interação das crianças com diversificadas manifestações de música, artes plásticas e gráficas, cinemas, fotografia, dança, teatro, poesia e literatura” (BRASIL, 2009, p. 26). Essa é uma fase a qual a criança está propícia a inúmeras aprendizagens e cabe ao professor desenvolver cada uma, de maneira lúdica, prazerosa, curiosa e explorando o encantamento da mesma no seu aprendizado sócio afetivo e cognitivo. Para Piaget (apud LOUZADA, 1999, p.12) “a criança constrói o conhecimento interagindo com o meio físico e social. Devem respeitar essas fases propiciando à criança situações de aprendizagens que lhe possibilitem atuar sobre o objeto de conhecimento”.

É nesse momento que o educador pode dar todos os meios e possibilidades para o desenvolvimento da criança, no social interagindo com o meio no qual está inserida. É importante ressaltar o que consta na LDB Lei 9.394/96, para a educação infantil no cumprimento e prática pedagógica que a:

Educação infantil, primeira etapa da educação básica, tem como finalidade o desenvolvimento integral da criança até seis anos de idade, em seus aspectos físico, psicológico, intelectual e social, complementando a ação da família e da comunidade (Art. 29).

É importante destacar que a lei 9.394/96, sinalizou para um ensino obrigatório de nove anos, mediante as metas do PNEC (Plano Nacional de Educação), cuja Lei 10.172/2011, instituindo assim o Ensino Fundamental a partir dos 6 anos de idade, na a aprovação da Lei 11.274/06 de fevereiro de 2006. Dessa forma, o atendimento a educação infantil passou a adotar a seguinte nomenclatura, a faixa etária de 0 a 5 anos. A creche de 0 a 3 anos de idade e a Pré-Escola dos 4 aos 5 anos de idade, cuja resolução Nº 3 de 3 de Agosto de 2005 (CNE), deixando de ser dos 0 aos 6 anos de idade.

É sabido que mesmo tendo leis que regem essa modalidade da educação em creches e pré-escolas, ainda são muito poucas as crianças que tem esse atendimento, no qual muitas vezes precárias, precisando ser revisto por Estado,

escola e familiares na sua prática diária, sabemos para que haja sucesso é necessária uma parceria entre essas três instituições para que tenha desenvolvimento e atendimento de qualidade, e não seja visto apenas como um dever assistencialista. Observa-se que há décadas, a Educação Infantil vem assumindo vários papéis, no entanto, há necessidade de revermos práticas que se distanciam dessa ação pedagógica entre o cuidar/educar/brincar e aprender, a fim de proporcionar a criança, junto ao meio a qual está inserida uma participação social, voltada para a sua formação e a construção de uma aprendizagem significativa, na busca de soluções entre seus pares.

Nesse processo de ensino e aprendizagem é importante que consideremos a diversidade de nossas crianças, que seus aprendizados e habilidades, são heterogêneos, mas que o professor possa desenvolver de maneira integral de seus alunos essas habilidades. Por isso, é de fundamental importância à formação e qualificação desse profissional da educação infantil como havia supracitado, só assim, a criança pode expandir todas as suas capacidades de maneira plena e integral.

Na educação houve conquistas, no âmbito da democratização, mas faz-se justo lembrar que “a democratização de creches e pré-escolas públicas é parte de nossa luta pela a democratização da sociedade brasileira e da educação em todos os níveis” (KRAMER, 2001, p. 128). Portanto, não significa afirmar que com essa democratização a educação não tenha mais problemas, pelo contrário, as lutas continuam, buscando melhores condições de trabalhos, salários mais justos, qualificações e valorizações para os profissionais da área e assim, propiciando uma educação de qualidade para as crianças desde a Educação Infantil.

Depois de muitas lutas e conquistas a educação infantil era vista antes apenas como depósitos de crianças sem nenhum caráter educativo, mas com os preceitos da Constituição de 88 e da LDB de 96 essas visões foram mudadas. As “creches e pré-escolas não são depósitos onde se dá apenas proteção, alimentação e assistência – são espaços de socialização e educação infantil” (KRAMER, 2001, p. 129). Com todas essas reivindicações pela sociedade civil, houve um reconhecimento, no qual via a criança no nosso país, fazendo parte de uma sociedade e obtendo condições de cidadã.

## A LITERATURA INFANTIL: HISTÓRIAS, CONCEPÇÕES E PRÁTICAS

A literatura infantil, como toda história, tem um processo histórico no qual se inicia e percorre até a modernidade, e com a literatura infantil não é diferente, a qual tem início com os contos dos irmãos Grimm em 1812, até por que antes disso não tinha distinção entre criança e adulto segundo Ariés (1973). Outro nome considerado o iniciador da Literatura Infantil foi o de Charles Perrault no século XVII na qual se refere à literatura popular que está relacionada ao povo e a literatura infantil que está relacionada à infância. Um de seus contos mais famosos foi o conto da Mãe Gansa. É importante frisar ainda que os contos a sua prática e funções tiveram início a partir dos séculos XVII, quando surgiu a primeira coletânea dos contos folclóricos, por Charles Perrault, na França, a função desses contos foi sendo modificados e acrescentados de teor moral, sendo utilizado pela sociedade burguesa.

Foi no século XIX, os Irmãos Grimm implementaram outra coletânea de contos folclóricos na Alemanha, esses contos eram direcionados para a infância, mediante a mudança de concepções que tinham sobre a criança. Após vinte anos, Anderson lança uma coletânea de contos na Dinamarca. Contos esses, que tiveram influência do Romantismo, cuja coletânea repleta de ideologia religiosa e dramaticidade.

A Literatura infantil no Brasil começa a surgir a partir de uma necessidade que buscava a conquista de uma sociedade culta culturalmente falando, isso começou a partir dos meados do século XIX, foi daí que iniciou aparecimento de livros literários traduzidos e adaptados para o Brasil, pois o mesmo tinha como dificuldade maior para o seu desenvolvimento o âmbito da educação devido sua enorme precariedade e andava a passos lentos para uma sociedade que ansiava um “pulo” imediato para um país culto e letrado, mas que sabemos que isso se dá através de um processo lento.

No contexto da literatura brasileira, no que diz respeito à criança, esta foi situada a partir de décadas com suas visões de leitura infantil, podemos citar entre elas: décadas de 30 e 40 – onde aconteceu a Reforma Educacional e a Leitura para crianças. Observa-se que nos anos 30, acontecia o antagonismo entre realismo e a fantasia: realidade histórica e o realismo maravilhoso. Nos anos 40, ocorreu a literatura em Quadrinhas, dando prosseguimento nos anos 50, a literatura em quadrinhas e o Teatro infantil. Já nos anos 60, a fermentação do novo e a literatura

infantil em compasso de esfera. Quanto aos anos 70 e 80, surge a criatividade e a literatura infantil. Com base nos autores brasileiros: Ruth Rocha, Eva Furnari, Ana Maria Machado e Eliardo França entre outros. Assim podemos registrar conforme os autores, que a literatura infantil brasileira reviveu momentos, os mesmos problemas na sua forma de produção, criação poética, criação artística, em que a meta era tornar o texto para a infância com sentido autêntico, no entendimento da criança e de qualquer indivíduo (ZILBERMAN, 2003).

Mas no final do século XIX no Brasil começavam a pensar numa produção literária genuinamente para crianças, isso quando se fez necessário criar leis para que algo assim acontecesse e quem contribuiu para esse feito foi Rui Barbosa entre outros da época. Segundo Coelho (1985, p. 166) “o aumento de traduções e adaptações de livros literários para o público infanto-juvenil, começa a se firmar no Brasil, a consciência de que uma literatura própria, que valorize o nacional, se fazia urgente para a criança e para a juventude brasileira”.

No Brasil em 1985, *O Amiguinho Nhonhô*, foi o único livro de literatura infantil que foi consagrado na época do romantismo escrito por José Menezes Vieira, que teve diversas outras reedições, José foi autor de outros títulos também, mas nenhum com tanta fama como este. Outra autora que contribuiu de maneira expressiva, na consolidação de uma literatura brasileira. Segundo Coelho (1985, p. 172) foi:

Uma das grandes figuras entre os percursores na criação de uma literatura essencialmente brasileira foi a romancista, Júlia Lopes de Almeida (1862/1934). Sua primeira contribuição à literatura para crianças foi *Contos Infantis*, -- sessenta narrativas em verso ou prosa, escritas em colaboração com sua irmã, Adelina Vieira e destinadas à diversão e instrução da infância.

Mais neste trabalho não vamos nos prender ao processo histórico da literatura infantil, mas como trabalhar com ela, de maneira lúdica, e significativa no desenvolvimento da criança na educação infantil de hoje. Para tanto, traremos um breve pensamento sobre o conceito de literatura infantil que alguns autores nos mostra como (Meireles apud por MAGALHÃES 2001, p. 22) ela diz que:

Costuma-se classificar como literatura infantil o que para elas se escreve. Seria mais acertado talvez, assim classificar o que elas leem com utilidade e prazer não haveria, pois, uma Literatura infantil a priori, mas a posteriori (op.cit. p.41).



Outro autor como Arroyo citado em Magalhães (2001, p.22) enfatiza que quem elege o que é literatura infantil é o leitor de acordo com a sua preferência e acrescenta que: “o critério válido a que nos referimos é a capacidade crítica da criança em contato com o livro. O que ela aprovar deve ser naturalmente a legítima literatura infantil”. Conforme observado nas afirmações dos autores supracitados ambos corrobora da mesma ideia que não há uma conceituação de literatura infantil precisa de imediato, mas a mesma só pode ser classificada com a aprovação do leitor/ouvinte. É possível notar que o elemento que eles evidência está no ato do gosto da criança, no prazer, e na significância que ela vai dar ao livro. Desse modo, o livro literário infantil vai ser todo aquele que despertar na criança, a imaginação, a criatividade, o lazer e o gosto pela leitura ou história contada.

A literatura infantil por muitas vezes, já vem nos seus contos, fábulas e histórias com algum tipo de moral, no qual é muito utilizado por pais e professores, assim, tornando a literatura como algo “chato” para as crianças, perdendo assim o interesse pela leitura. É por isso, que ao longo do tempo esse contexto vem se modificando através desses novos professores que pensam a contação de histórias diferente, tirando da literatura essa característica didática, pedagógica ou moralista, acreditava Perrault (apud GÓES, 2010, p.17) que “a principal característica do livro para crianças era evidentemente, a moralidade de inspiração cristã, mas apresentava disfarçadamente”. Temos que valorizar na literatura o seu lado prazeroso e com esse prazer também podemos aprender, construir e ensinar, frisando na literatura infantil suas características próprias como a linguagem estética, lúdica, assim, a surpresa e a renovação o qual o livro deve conter.

Com a literatura a criança tem o poder inconsciente de resolver conflitos de sua vida, o professor não precisa expor a intencionalidade da leitura dos contos de fadas, das fábulas e pequenas narrativas, a criança auto descobrirá isso de outra maneira mais gostosa e prazerosa usando sua imaginação, o encantamento, o magismo do ato de ouvir da contação de história para Bettelheim(apud CARREGOSA, 2012, p.2).

Enquanto diverte a criança, o conto de fadas esclarece sobre si própria e favorece o desenvolvimento de sua personalidade. Oferece tantos níveis distintos de significado e enriquece a sua existência de tantos modos que nenhum livro pode fazer justiça à profusão e diversidade das contribuições por esses contos à vida da criança (BETTELHEIM, 2007, p. 20).

Desse modo, criam-se as possibilidades na educação infantil, na aprendizagem da criança a qual está equilibrando seus sentimentos emocionais, cognitivos e psicológicos através da literatura.

Buscamos mostrar que a literatura não deve ser apenas utilizada didaticamente, mais como um meio de lazer para a criança ou qualquer leitor. É necessário repensar as práticas dos professores em relação à utilização desse recurso que é a literatura, não que a mesma não seja didática, pelo contrário, mas temos que procurar elementos para a prática pedagógica da leitura, que valorize e signifique tanto o lado didático como o do lazer, o lúdico, com textos literários, o leitor infanto-juvenil pode ter prazer emocional e intelectual.

Faria (2010, p. 15) acredita que “o homem lê como em geral vive, num processo permanente de interação entre sensações, emoções e pensamentos”. Para o professor é importante conhecer seu público de alunos para que o seu trabalho seja consistente, então segundo Faria (2010 p. 21) é a “partir dessas vivências da narrativa para organizar esses saberes em sistema coerente e ampliá-lo, respeitando-se as competências já trazidas pelas crianças antes da alfabetização e as que adquirem na escolarização”. Visto que toda criança, quando chega à escola já trazem seus conhecimentos prévios e experiências, adquiridas no meio no qual com a família vive, cabe ao professor dá um suporte a essa criança e aumentar ainda mais as possibilidades de conhecimentos.

Como nos mostra Ramos e Pinheiro (2013, p.30):

O conceito de Literatura desenvolvido por Candido engloba a oralidade e a escrita, o popular e o erudito. O literário constitui-se pela revelação de ações humanas, conflitos humanos, inquietações do homem em diferentes tempos e espaços, e o conjunto desses textos é uma herança que os leitores mais jovens têm direito a receber dos seus antepassados, têm direitos a conhecer.

Isso no mundo da literatura da criança não é diferente, também se faz presente todos esses conflitos, que precisam ser resolvidos ao longo da sua infância, e acrescentando neste conceito, a literatura visual, que incorporado a oralidade é o que se faz mais presente na vivência e no contato da criança pequena com o universo literário. Por isso, o professor como mediador pode ampliar mais, pois a criança já vem do meio familiar com uma bagagem da contação de

história, através da oralidade, podendo na escola está inserida de maneira mais consistente no mundo letrado desde sua infância.

Ressaltamos que a literatura colabora e muito para o desenvolvimento intelectual e linguístico do indivíduo, mas como utilizarmos esse recurso tão poderoso na escola, no ensino das crianças, sem perder o sentido da arte literária, do lazer, da descoberta da criança por esse gênero, sendo que não se torne algo mecanizado? Está aí, um grande desafio para o professor/educador na sua prática de ensino. Conforme Cademartori (2010, p.60) “a leitura de textos poéticos a criança em fase de alfabetização, não só aproxima ao livro como exerce o papel importante na formação da expressão verbal”. São opções para o professor trabalhar com a criança, podendo desenvolver diversas habilidades sem ser sistematizado e “chato”.

Com a literatura infantil, as crianças que ainda não dominam a leitura e escrita, fazem a leitura visual, no qual os novos livros com suas histórias abordam apenas o lado visual. Ou seja, encontramos livros infantis que abordam tanto o visual que é o texto não verbal como a escrita e despertam na criança a interação com o livro. Cademartori (2010) acredita que a literatura pode ser uma grande ferramenta ou meio para a criança desenvolver sua autonomia e (re) formular seus conceitos. Por isso é tão importante para os educadores da educação infantil e series inicias trabalhar a literatura, pois a mesma oferece infinitas possibilidades de leituras para crianças ainda não alfabetizadas, com as leituras de imagens, de mundo Britto (apud por Cavalcante 2013, pp. 7-8) diz que:

Na educação infantil, ler com os ouvidos e escrever com a boca (situação em que a educadora se põe na função de enunciadora ou de escriba) é fundamental do que ler com os olhos escrever com as próprias mãos. Ao ler com os ouvidos a criança não apenas se experimenta na interlocução com o discurso escrito organizado, como vai compreendendo as modulações de voz que se anunciam num texto escrito. Ela aprende a voz escrita, aprende a sintaxe escrita, aprende as palavras escritas.

Esse é um processo que o professor pode oferecer ao seu aluno, no qual o mesmo vai começando a ter acesso a uma cultura escrita, o que vai favorecê-lo muito, a sua iniciação como leitora de textos letrados.

Visto que os livros infantis podem trabalhar a cultura, o regionalismo isso deve ser explorado pelo professor, pois as crianças criaram, elas mesmas suas próprias interpretações, ou seja, é a partir dessa infância que se deve está presente à leitura literária para as crianças que nos trazem diversas modalidades artísticas e que se

faz presente na humanização da criança. Devemos começar a desenvolver nas crianças essa capacidade reflexão desde a educação infantil e a literatura nos dar suporte para esta prática de maneira artística, cultural e por não dizer encantadora.

E com este gênero, é possível abordar na sua prática de ensino temas sociais além dos que já foram citados como as diferenças de classes, raciais, sexuais, de habilidades entre outros é uma maneira de trabalhar a interdisciplinaridade de forma prazerosa. Quando os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN) 1999 nos trazem a abordagem dos temas transversais, este está relacionado com o trabalho da interdisciplinaridade dentro das salas de aulas em nossas práticas, ou seja, abordarmos nas diversas áreas de conhecimento fazendo relação entre elas. E a literatura infantil nos dá esse suporte para fazemos essa correlação. Um exemplo que vemos é o cumprimento da Lei 10.639/03, que torna obrigatório o ensino de História e Cultura Afro-Brasileira na Educação Básica, que está diretamente ligado com a história do negro e sua contribuição para a formação da nossa história e valorizar o negro que é pertencente da nossa sociedade, e que não haja discriminação.

Em vista, dessa especificidade, surge refletir, onde e como podemos trabalhar esse tema na Educação Infantil? Essa pergunta é respondida com uma breve pesquisa na literatura infantil, pois ela disponibiliza de livros de excelentes qualidades para tratarmos desses temas de maneira leve e artística com obras literárias como: *A Menina Bonita do Laço de Fita* (2000) de Ana Maria Machado, *O Menino Nito* (1996), de Sônia Rosa e *A Bonequinha Preta* (2004) de Alaíde Lisboa de Oliveira, todos esses livros são de suma importância e suporte para o professor exercer seu trabalho de colaboração para a construção de um cidadão respeitoso e consciente, que valorizem seu semelhante, independentemente de qualquer que seja sua cor, religião ou cultura dentre outras coisas, e que desde a infância comece a desconstruir esse preconceito que vem arraigado há séculos do racismo.

Na literatura de contos modernos, já trazem histórias além de fantasias, temas sociais, que as crianças estão em contato direto. Como afirma Cullinan (2001 p. 36) “a leitura nos ajuda a entender as outras pessoas, seus costumes e sua cultura. Podemos nos colocar no lugar de outra pessoa e sentir como é viver outro tipo de vida quando lemos um texto escrito sob um ponto de vista diferente”. Estes são nossos objetivos como educadores desde cedo propiciar a criança a entender e respeitar o outro, além de tantos temas sociais e histórico-culturais, o respeito ao

outro, ao diferente com a literatura é possível criar um diálogo que trate desses assuntos. É um meio que devemos seguir para trabalharmos com as crianças, os direitos humanos, os deveres como cidadão, para buscarmos contribuir no possível desde sua mais tenra idade na educação infantil, para uma vivência adulta como cidadão crítico, reflexivo e consciente de si mesmo.

Ramos e Pinheiro (2013, p.31) afirmam que: “Literatura seria uma forma de educar pela experiência, já que a educação literária considera o sujeito na sua individualidade (...) propiciando e atualizando vivências e construindo saberes a partir delas”. Na Educação Infantil essa leitura da literatura se faz presente no momento da contação de história pelo educador através da oralidade e da visualidade, no qual a criança ao ouvir, vai trazendo suas experiências e vivências cotidianas como vimos na citação acima. Daí surge a importância do contador de história que dar “vida ao livro”, que abordaremos mais a frente nesse trabalho que traz a literatura na contação de história.

## **A PRÁTICA DO PROFESSOR NA CONTAÇÃO DE HISTÓRIA**

Compreendemos que com o acesso da Literatura desde a Educação infantil, a criança tem possibilidades de cada etapa do estudo ir desenvolvendo cada vez mais sua aprendizagem, relacionando ao meio cultural, a sua oralidade e escrita além de propiciar sua imaginação fluir dando “asas” podendo criar outros fins, outros personagens para sua história, deixando sua criatividade surgir. Nos dias atuais o gosto pela a leitura de literatura fica cada vez mais difícil devido nossas crianças estarem propicias aos meios eletrônicos, não que esteja errado, mas o problema é seu enorme tempo está sendo ocupado por esses meios, chegando a passar horas e horas apenas diante desses aparelhos eletrônicos.

Mas é preciso uma tomada de consciência das famílias em parceria com os professores e orientar as crianças, principalmente elas que estão mais vulneráveis as informações contidas nesses meios de comunicações, criando possibilidades para que as crianças. Segundo Oliveira (p.10) “levar a criança (o aluno) a se interessar mais pela leitura, o que além de reduzir seu tempo diante da televisão, dará a ela (ele) uma bagagem muito maior de conhecimento e poderá estimular a imaginação e a criatividade”.

É um processo difícil para aquelas crianças que já estão habituados a seu cotidiano há passarem bastante tempo em frente a TV, videogames, internet, mais que se deve ir fazendo uma reeducação criando novos hábitos, colocando a literatura mais presente em seu tempo fora do meio escolar e chegando até sua casa. Com certeza, sala de aula é um ambiente mais privilegiado para incentivar ou aprimorar esse gosto pela literatura, e o professor pode criar diversas dinâmicas para prender a atenção e curiosidade das crianças em relação à história e que, além disso, pode criar uma interdisciplinaridade nas áreas de conhecimentos com as crianças através de uma história, tornando assim uma aula/ensino mais prazeroso, e divertido, principalmente para crianças da Educação Infantil que viaja no mundo da imaginação, ou seja, propiciando uma relação com a contação de história sem enfatizar conteúdos ou moralidades na história de forma insignificante, mas sim, de maneira criativa, colocando as crianças diante de novas experiências de aprendizagem e desenvolvendo a atenção para ouvir, com mediações significativas do professor que é o principal agente nesse meio.

Devemos lembrar que em nenhum momento, podemos perder o processo e fase que a criança está passando, por isso que na hora de escolhermos um livro com histórias para trabalharmos com elas e mesmo os pais quando escolherem os livros para seus filhos deve ter algumas considerações na hora da escolha como propõe Cademartori (2010, p. 16) “a estrutura e o estilo das linguagens verbais e visuais procuram adequar-se as experiências da criança”. É por esse motivo que deve ser muito importante o momento de escolher uma obra literária para a criança e a autora enfatiza que as obras infantis que respeitam seu público são aquelas cujos textos têm potencial para permitir ao leitor infantil a possibilidade ampla de atribuição de sentidos àquilo que ler, ou seja, tem que levar em consideração a faixa etária de cada criança.

Com esse estudo visamos principalmente a contação de histórias através da literatura e que a mesma é uma arte como tal se expressa nas manifestações culturais e é possível viajar no mundo da imaginação com a leitura e conhecer outras culturas e povos, então considerando a vida e a vivência das crianças e sua diversidade presente nosso país, procuramos na nossa prática o respeito, a solidariedade, a paz com o outro. A literatura é uma linguagem repleta de significados seja para as crianças e/ou os adultos, mas que no seu significado alcance as exigências de cada leitor.

Crianças com hábito de leitura em casa ou que ouvem histórias, o desempenho escolar é maior de as que não têm muito contato, por isso é importante, quando resolvemos montar uma pesquisa como essa, que a família também esteja envolvida de maneira que colaborem para o sucesso do seu filho que é o mais importante. Então os pais precisam saber do valor da leitura na vida da criança desde cedo, e que quanto mais o seu filho tiver contato com livros, leituras terá sucesso na sua vida pessoal e profissional. O desempenho na oralidade e escrita da criança é enorme quando ela passa por esse hábito tanto em casa como na escola então é uma parceria de sucesso família e escola na vida da criança.

Essa pesquisa foi posta em prática numa sala de pré-escola, e segundo Cullinan (2001) as crianças com idade pré-escolar gostam de cantar e contar histórias e elas aprendem quando estão explorando os livros, suas histórias. Esse é um momento de requerer das crianças a habilidade de ouvir e interpretar. Gostam de ouvir histórias de contos de fadas e é importante para o professor da pré-escola trabalhar com a literatura na contação de histórias terem acesso a todos esses conhecimentos e o que as crianças gostam nessa fase para explorar junto com elas e assim possibilitar novas aprendizagens de maneira significativa. Pois, segundo o RCNEI (BRASIL, 1998 p.143) enfatiza que “ter acesso a boa literatura é dispor de uma informação cultural que alimente a imaginação e desperte o prazer pela leitura”.

Na contação de histórias para as crianças é importante que o professor analise antes o livro a ser trabalhado, se o mesmo contém imagens, textos ou os dois, Faria (2010) frisa que é fundamental que o educador saiba articular o texto/imagem, para trabalhá-lo com seu aluno. Os livros que utilizam apenas imagens na sua narrativa tem uma grande influência na aprendizagem da criança, que são além do encantamento pelas imagens e narrativas, o professor pode trabalhar com a criança a capacidade de observação, comparação, síntese e raciocínio. E a criança conhecendo a história real que o livro quer contar, professor depois pode questionar outras possibilidades do deslanche da história, assim, desenvolvendo a imaginação e criatividade da criança. Muitos professores acreditam que o leitor deve dizer o que está escrito, logo, bloqueando suas interpretações da leitura. Zanchetta Jr. afirma que:

A ficarmos na leitura limitada aos questionários tradicionais ou a buscar apenas o aspecto denotativo das histórias, não chegaremos á riqueza que se abre nas mais diversas maneiras que cada leitor experimenta ao ler o

texto – o verbal e a imagem. Essas práticas tradicionais limitam a compreensão e a fruição de um texto literário, e não aprofundam o domínio das estruturas narrativas e de outros elementos literários (ZANCHETTA Jr. 2010, p.116).

Mesmo que seja necessário, interpretar a leitura como estar escrito ou através das imagens, mas porque não ouvir outras formas de interpretações pelos alunos, explorando sua criatividade, observação, o seu olhar sobre a leitura, então é um desafio para o professor na sua prática, incentivar e instigar o aluno na leitura, essa é uma conversa, um diálogo com as crianças que deve ser um momento importante para elas expressarem o quais sentimentos, expectativas, descobertas tiveram com a leitura da história, é onde é possível o professor observar o seu aluno, no grau de sua interpretação da história e encantamento pela mesma. A leitura de textos é imprescindível para aquisição de um plano linguístico, lexical e sintático da expressão da criança/aluno. São necessários com a leitura de histórias, o professor chamar a atenção para a leitura e a oralidade dos alunos.

Todo texto literário para criança deve seguir uma linha na qual haja a capacidade de compreensão e interesses da criança e para o aprendizado dela, na decodificação com vários textos, é importante desde a pré-escola, seja utilizados livros com textos verbais e não verbais. Para crianças entre cinco e seis anos que já está na fase pré-escolar à leitura. De acordo com Cullinan (2001, p. 66) “a poesia é um instrumento muito útil para esses aprendizes, pois eles são capazes de descobrir o inteligente jogo que os autores fazem com as palavras”.

A autora frisa que nesta fase, o material para a leitura deve conter linguagem curta, simples e rimada. É importante ressaltar, como havíamos citado anteriormente a importância da literatura infantil na assimilação de valores socioculturais da criança de maneira significativa. Ou seja, as coisas úteis devem ser ditas de maneira agradável, para que a mensagem suscite interesse do leitor acrescenta Meirelles (apud MAGALHÃES, 2001, p.28).

## **A CONTAÇÃO DE HISTÓRIA NO COTIDIANO DA PRÉ-ESCOLA**

A contação de história deve estar presente no cotidiano escolar desde a educação infantil, mesmo que as crianças não saibam “ler” palavras, letras, sabemos que há diversas formas de leituras e no caso da criança que se encontra na pré-escola, ela ler as imagens que veem nos livros, com o contato, por isso, é



importante que os educadores possibilitem as crianças esse contato com o ouvir as histórias, propiciem a suas crianças contato com os livros infantis, as práticas e rodas de leituras, são nesses momentos que as crianças começam a construir diversos saberes desde a pré-escola como conhecimentos culturais, socialização um grupo entre diversos outros.

A literatura na pré-escola ela é introduzida de diversas maneiras, o seu eixo principal é o momento da contação de histórias, no qual o professor pode possibilitar a suas crianças meios que as façam encantar-se com a arte literária que é nos posta através de livros infantis, nos quais temos a oportunidade de viajar na imaginação por diversos mundos e nos tornamos o que quisermos, então é a partir dessa fase que a criança inicia seu contato com a cultura letrada, e seu gosto pela leitura literária, trabalhando em se de maneira sutil e prazerosa diversas habilidades que nos é imposta na vida adulta, como o respeito pelo ouvir, conhecimentos de diversas culturas e comunicabilidade na vida social dentre outros. Paiva e Rodrigues (2009, p. 113):

A leitura de livros de literatura pode também instituir novos modos de ler na escola. Por ser um objeto de fácil locomoção, o espaço em que acontece a leitura não precisa ser necessariamente a carteira da sala de aula. Os alunos podem ser convidados a se sentarem no chão, em roda, para ficarem mais à vontade. Nesse momento, um clima de descontração é criado e a leitura literária se aproxima da leitura por prazer, por, de certa forma, sugerir protocolos de uma relação mais livre com a leitura.

O professor deve oferecer aos alunos um ambiente agradável na sala de aula, o qual tenha esses requisitos para a leitura, como ter a seu dispor e das crianças um espaço com livros, para os momentos da contação de história, que podem ser utilizados recursos como fantoches, teatros, a oralidade, livros em que as crianças possam manusear sentirem esse prazer de folhear e não apenas ver como algo intocável, que muitas vezes é o que acontecem, os professores leem histórias e não deixam os alunos manusearem os livros com medo de danificar e/ou rasgar.

Essa ideia deve ser retirada da mente do professor, no momento da leitura literária, como afirmar Craidy e Kaercher (2001, p.82):

Acredito que somente iremos formar crianças que gostem de ler e tenham uma relação prazerosa com a literatura se propiciarmos a elas, desde muito cedo, um contato frequente e agradável com o objeto livro e com o ato de

ouvir e contar histórias, em primeiro lugar, e após com o conteúdo desse objeto, a história propriamente dita com seus textos e ilustrações.

O contato com o livro é muito importante de acordo com as autoras citadas acima, por isso cabe ao professor compreender cada faixa etária das crianças, e conhecer os seus gostos nessas fases da infância e permitir a elas com os recursos e a criatividade que a criança tenha e mantenha contato com o livro, sabemos que para crianças menores de 3 anos, o professor pode confeccionar livros de panos, tecidos, papelões, emborrachados que são mais resistentes e não se danificam com facilidade, esses livros devem priorizar ilustrações em tamanhos grandes, que é o que mais atrai nessa idade. Já para as crianças da pré-escola de 4 e 5 anos, os livros não necessariamente precisam ser confeccionados, pois elas nessa fase já compreendem o cuidado com o livro, começam a interessarem por livros com pequenos textos ilustrados, contos e poesias.

A participação da criança na leitura literária é imprescindível, a partir dessa idade ela, já observa o professor quando ele está contando histórias, sua entonação de voz, o manuseio do livro entre outras atitudes tomadas pelo professor nesse momento, que depois é reproduzida pela a criança. Quando introduzimos a prática conforme Craidy e Kaercher (2001, p.82) no “dia-a-dia da Escola Infantil estes momentos, mais estaremos contribuindo para formar crianças que gostem de ler e vejam no livro, na leitura e na literatura uma fonte de prazer e divertimento”. Então, é nesses momentos cotidianos que a literatura deve está presente de maneira alegre e que a criança possa perceber a leitura literária como algo prazeroso, que proporcione alegria, risos, expressões de sentimentos, assim, a criança terá esse contato e apreço com a arte literária significativa.

Nesta perspectiva, Craidy e Kaercher (2001, p.86) nos traz que, “devemos ler pelo prazer que esta atividade proporciona, pela importância que a literatura pode ter, enquanto arte, nas nossas vidas”. Daí a importância da literatura como cultura, arte e não como caráter didático dentro de uma sala de Educação Infantil, sempre com o propósito de “tirar algo pedagógico ou moralizante da leitura”, não. Leio pelo prazer da literatura e isso deve está presente desde cedo para a criança, ela mesma, ao longo do tempo vai construir seus próprios pensamentos e valores das leituras escolhidas por se mesma.

É importante ressaltar que nos momentos de leituras, contação de histórias o professor se envolva também nesse momento, fazendo parte da história, com sua entonação de voz, gestos de algumas cenas ou barulho, assim, a criança se envolverá mais nesse mundo da imaginação, tendo mais possibilidades para se encantar e vivenciar cada segundo da história na sua imaginação, sentindo emoção. É nesses espaços de tempo onde o desenvolvimento da criança no âmbito cognitivo, afetivo e emocional ocorrem com mais facilidades e sem nenhum teor pedagógico explicitado para elas.

### **PERCURSO METODOLÓGICO: A ANÁLISE E RESULTADO DO FAZER LITERÁRIO DO PROFESSOR**

O professor tem o objetivo de contar histórias para o desenvolvimento e aprendizagem da criança, seja o contar de contos de fadas, poesia, fábula, histórias em quadrinhos entre tantos outros gêneros. Nesses objetivos a prática pedagógica é muito influente no trabalho do professor, mas, é preciso refletir essa prática buscando não explicitar para as crianças essas necessidades didáticas e isso exige bastante do professor para não deixar transparecer esse lado didático.

A literatura proporciona ao professor uma vasta possibilidade de trabalhos na sala de aula como havíamos dito anteriormente, desde leituras literárias diárias a projetos que visa o letramento literário da criança de maneira contextualizada e significativa. É sempre importante ressaltar as adequações literárias para cada fase das crianças, para que não perca o encanto dessa arte. E para isso Paiva e Rodrigues (2009, p.105) dizem que:

Quando pensamos em literatura infantil, é importante refletirmos, sobre o seu processo de produção e o seu estatuto de arte literária, mas não podemos deixar de discutir, também a apropriação que a escola faz deste gênero literário, ou seja, o processo de didatização e escolarização pelo qual passam as obras quando chegam à escola.

A literatura infantil pode propiciar as crianças diversas experiências, quando conta-se com um professor/mediador disposto e que valoriza o conhecimento e vivências familiares das crianças, que muitas das quais já vem trazendo uma bagagem de histórias contadas oralmente e mesmo com o contato com o livro, através dos membros de suas famílias. Por isso, “a literatura infantil, com seu

potencial renovador característico da criação artística, pode proporcionar a ampliação da visão de mundo e um refinamento na compreensão de vivências por parte das crianças”(PAIVA e RODRIGUES, 2009, p.107). Essa ampliação dar-se-á no ambiente escolar, no qual o mediador pode criar as possibilidades necessárias através da literatura para as crianças relacionarem suas vivências diárias com a arte literária, podendo assim contribuir para as relações cognitivas, sociais e afetivas das crianças.

De acordo com Paiva e Rodrigues (2009), no mercado literário há múltiplos textos circulando, mas mesmo com essa multiplicidade de produções literárias, é posta a necessidade de escolhermos de forma significativa os gêneros literários, ou seja, não é porque temos uma grande oferta, que devemos escolher tudo que nos é apresentado como literatura, pelo contrário é preciso conhecer uma obra literária de qualidade para a nossa criança, que essa tenha a capacidade de despertar na criança sua atenção e “sabor” de uma boa história, como nos disse anteriormente Meirelles, que a criança goste da história.

Por isso, pede que quando o educador ofereça a criança uma leitura literária de maneira que as encante e mostre também como diz Paiva e Rodrigues (2009, p. 107) “as potencialidades artísticas que textos e imagens oferecem ao leitor no processo de produção de sentidos”. É a partir daí que o leitor ouvinte vai iniciando sua leitura artística e correlacionando com o seu mundo, com a intermediação do professor que aguça cada vez esses seus sentidos.

Então é preciso criar no seu trabalho de educador uma arte que é a de contar história, fazendo isso de maneira lúdica, no qual ao mesmo tempo em que as crianças viajam no mundo da imaginação, aprendem prazerosamente nesse mundo encantador poético, simbólico e criativo que é o literário. Com a contação de história que é uma arte literária o professor pode desenvolver diversas atividades práticas para aprimorar ainda mais a aprendizagem da criança, como desenvolver dramatizações, reconto das histórias, confeccionar em matérias parte das cenas mais destacadas das histórias entre outras possibilidades que podem ser pensadas e postas em práticas sem ser necessário à cobrança didática que muitos professores utilizam-se da literatura para trabalhar em sala de aula.

A seguir, é possível analisar algumas questões propostas às professoras sujeitos da pesquisa, o que elas refletem e praticam sobre a literatura em sala de aula, pesquisa realizada em uma Escola Municipal da cidade de Esperança-PB. As

professoras participantes desta pesquisa todas tem o nível superior em Pedagogia e estão nessa função uma delas há 15 anos e as outras duas a 20 anos em sala de aula. Contar história é uma arte na qual o educador deve encantar a criança, na qual a mesma possa vivenciar a história na sua imaginação. Ao ser questionado sobre sua prática com a literatura em sala de aula a professora diz que:

Literatura infantil... Não está sendo trabalhada da maneira correta, pois precisa preparar melhor os professores da rede pública para este tipo de trabalho dentro da sala de aula com os alunos(**Professora I**).

Segundo essa professora sente-se uma necessidade de qualificação nessa área de contação de histórias para que os professores possam elaborar e desenvolver um trabalho de qualidade com suas crianças. Mas, sabe-se que isso faz parte de uma Formação Continuada e vai depender de cada profissional optar-se por qualificar-se cada vez mais. Para tanto, segundo Machado (Apud KRAMER 2002, p.128).

[...] a formação é necessária não apenas para aprimorar a ação profissional ou melhorar a prática pedagógica. Tendo defendido a formação como direito de todos os professores formação como conquista e direito da população, por uma escola pública de qualidade.

Na fala de outra professora segundo ela sua prática é:

Eu leio a história para a turma depois formo grupos e eles vão dramatizar para os colegas, apresentam os personagens do Sítio do Pica-Pau-Amarelo, logo após envolvo os nomes do personagem para identificar letras, quantidades, bom, desenvolvo a aula em cima das histórias, isto torna a aula muito gratificante as crianças aprendem mais(**Professora II**).

Nessa questão, a professora usa da contação de histórias para promover outras atividades pedagógicas na sala de aula, mais é possível perceber na sua maneira de trabalhar, uma contextualização de forma mais prazerosa no ato de dramatizar as histórias, não tornando algo cansativo para as crianças. Assim, refletindo o texto literário na escola precisa se adequar ao tempo e organização do espaço escolar para ser objeto de ensino e aprendizagem (SOARES, 1999). De acordo com as observações feitas e registradas em diário de campo foi possível ver que as professoras fazem o uso de recursos como fantoches, teatro entre outros com a criança na hora da contação de história.

As crianças nesses momentos se encantam por ter sempre algo novo nessas rodas de histórias. Muitas crianças que observam a professora contando a história questionam a história junto com a professora, tentando descobrir o que irá acontecer nas próximas páginas. Numa história contada ao término da mesma a criança chega até a professora e diz que se sentiu feliz em ouvir a história e pede que a professora conte a história de novo no próximo dia.

E assim que a literatura tem essa capacidade de mexer com os sentimentos da criança e fazer com que a mesma desenvolva sua imaginação e criatividade quando ela se sente dentro da história e busca questionar e brincar com a história quando diz “o que será que vai acontecer agora”. São nesses momentos que o objetivo é alcançado na contação de história com a literatura.

Ao serem questionadas sobre a importância da contação de histórias na Educação Infantil e sua parceria com as famílias, as professoras respondem que:

Sim, pois é por meio da contação de história que a criança, aprende e se desenvolver a sua linguagem oral e aprendizagem para no futuro sejam bons leitores... Isto depende de cada professor, e os pais ajudam as crianças em casa na leitura, isto se a criança ainda não sabe ler, nas escolas deve despertar o gosto pela leitura levando em consideração os livros infantis, para as crianças interagir junto a família e os colegas vizinhos **(Professora II)**.

Dessa forma, a narrativa pode e deve ser a porta de entrada de toda criança para os mundos criados pela literatura. A criança aprende a narrar por meio de jogos de contar e de histórias (BRASIL, 1998, p.140).

Sim. Porque a criança desenvolve uma capacidade de imaginação e cria sua própria história... é muito importante esta participação da família no processo de aprendizagem interagindo a leitura tanto na escola como em casa **(Professora III)**.

Os sujeitos reconhecem a importância da contação de histórias desde a Educação Infantil para o desenvolvimento e aprendizagem das crianças, sendo tanto no espaço escolar quanto no familiar, buscando sempre a interação de professores e pais nesse objetivo de desenvolver nas crianças o hábito pela arte, pela leitura desde pequeno na sua infância. Segundo Piaget, “a função simbólica se manifesta através das seguintes atividades: a imitação retardada, a imagem mental, o desenho, a linguagem e o jogo simbólico” (apud MAGALHÃES, 2001, p. 35). É a partir desses estudos que percebemos o grande interesse da criança e sua relação

com as histórias infantis através dessas atividades do jogo simbólico e da linguagem mais especificamente.

Nesse sentido, trazendo para o leque de reflexões, RCNEI (BRASIL, 1998, p. 139) aponta que “a ampliação do universo discursivo das crianças também se dá por meio do conhecimento da variedade de textos e de manifestações culturais que expressam modos e formas próprios de ver o mundo, de viver e pensar”.

Para um melhor entendimento do fazer literário na Pré-Escola, é necessário que o professor realize com frequência leituras de histórias como fonte de prazer e entendimento, num ambiente agradável e convidativo a escuta e a narração pelas crianças. Que essa prática se faça como uma prática cotidiana dentro das salas de aulas, assim desde cedo as crianças entenderam e apreciaram a arte da leitura e da literatura como importantes na nossa vida e que isso nos torna cada vez mais pensante, reflexivo e críticos desde os primeiros da educação.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

A Literatura Infantil trabalhada na sala de aula no ato de contar história é constatada de grande importância no desenvolvimento da criança, no que há um envolvimento da criança na história, pois possibilita a criança viajar num mundo de imaginação e fantasias, no qual ela pode vivenciar diversas aventuras e ir além ao aprendizado dela.

Quando o educador é comprometido com essa ferramenta que é a literatura na sala de aula sempre propiciará a suas crianças um acervo de livros de qualidade, levando em consideração o gosto das mesmas por diversos tipos de histórias. A linguagem e o estético nessa fase que as crianças estão são a que mais as atraem, podendo com essas variedades de textos literários ampliarem o gosto por diversos gêneros, sendo eles poesias, fábulas, narrativas, contos, entre outros, de acordo com o seu cognitivo, que é a sua idade. Constata-se que o educador compreende que é necessária uma maior qualificação para trabalhar com uma prática literária da contação de história, na qual possam desenvolver um trabalho mais efetivo, criativo e significativo para o desenvolvimento global da criança. Isso se percebe quando uma das professoras questionadas afirma que é necessário uma melhor preparação dos professores da rede pública.

Para isso, faz-se importante uma Formação Continuada do educador, na qual deve estar sempre buscando novas maneiras e recursos para a contação de história e que torne um trabalho de qualidade. Por outro lado foi possível observar em sala de aula de educação infantil que as crianças estão tendo mais acesso ao livro de literatura infantil e que o educador está explorando bem esse acesso, apesar de suas limitações com a contação de histórias. A história contada pela criança com o livro como apoio, a história contada pela criança oralmente sem o livro, e também, o hábito da criança levar o livro para casa e propiciando um momento com a família de contato com essa literatura, dessa forma no seu ato de contar histórias, podendo estreitar ainda mais os laços das crianças/família/escola, então são diversas as formas que estão presentes nas salas infantis.

Além desse contato prazeroso o educador está trabalhando com a literatura de maneira interdisciplinar nas áreas de conhecimentos que regem a Educação Infantil, estando assim apoiando aprendizagem e desenvolvimento da criança de maneira plena, ampliando sua imaginação e também sua criatividade. A criança em contato com a literatura está entrando em contato desde sua infância com mundo letrado da literatura de maneira significativa e propiciando momentos de prazer com a leitura literária e aprendizagem significativa que contribui expressivamente para a sua formação e suas reflexões.

Portanto, é possível levar a literatura para sala de aula e fazer excelentes trabalhos com as crianças buscando seu desenvolvimento de forma prazerosa e significativa, tendo um aprendizado cultural, levando as crianças a criarem o gosto e o hábito pela leitura literária, assim lendo para seu próprio desenvolvimento em um trabalho no qual deve estar sendo mediado pelo o educador com parceria pela família. Desde criança buscando ter acesso a literatura, terá uma possibilidade de oralidade e escrita mais plena ao longo da vida tanto escolar, como na sua vida social, tendo facilidades de lidar com os conflitos da vida e suas resoluções.

Nesse trabalho foi possível vermos que podemos utilizar a literatura na sala de aula, sem didática apenas, mas trazê-la como norte fundamental para a aprendizagem, seu hábito pela leitura literária como arte, como prazer, imaginação e criatividade, pois através da mesma é possível desenvolver todas essas atitudes nas crianças, atitudes criativas levando-as a pensar nas histórias podendo criar novas leituras a partir da história lida ou ouvida, contribuindo para resolver seus conflitos cotidianos, sem ser necessário o professor expor as intenções das histórias quando



sempre é contado, tirar da literatura essa visão da “história como moralizadora” da criança.

A literatura está presente na nossa vida para conhecermos e apreciar a felicidade que ela traz no momento da criança ouvir uma história e sentir feliz, pois é nesse momento que o prazer pela arte acontece. Educadores da Educação Infantil têm esse desafio encantador de criar e possibilitar esse gosto da criança pela cultura letrada através da literatura.

## ABSTRACT

This article is focused on the research project of Supervised Learning IV in Child Education entitled " Storytelling in everyday school life : a space of creativity , imagination and learning " which aims to understand how storytelling has been worked on intellectual, emotional and cultural development of children in early childhood education, seeking also to investigate the development of the reading habit significantly and how the development of oral and writing of children through storytelling is being promoted. The area of the field research was a municipal school of the city of Esperança - PB, which attends from kindergarten to elementary school level (up to the fifth grade). The methodology adopted in this project is qualitative and participatory nature of the research subjects, the teacher / the classroom, and students. For that, we have brought theoretical framework as Cademartori (2010), Goes (2010 ) and Cullinan (2001 ) among others to reference in this subject . During this study we were in field in order to collect important data through interviews with teachers, we have also adopted the observation form and field journal for we to notice how experiences with children's stories is being worked on daily school of early childhood education . The relevance of the work of storytelling in a pre-school room is of great importance because the child needs to have early contact with books, told and retold stories to him/her. Children's literature is an art in its own form of expression, language, thought, and for is required for child that it is used in a pleasurable way.

Keywords : Literature , Early Childhood Education , Child .

## REFERÊNCIAS

\_\_\_\_\_. Ação Compartilhada das políticas de atenção integral à criança de zero a seis anos. Brasília: MEC/SEF, 1999.

ARIES, Philippe. *Historias social da criança e da família*. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1973.

BRASIL, Ministério da Educação e do Esporte. Secretaria de Educação Fundamental. *Referencial Curricular Nacional para a educação infantil*. Brasília: MEC/SEF, 1998.

CADEMARTORI, Ligia. *O que é literatura infantil*. 2. Ed.-- São Paulo: Brasiliense, 2010. —(Coleção primeiros passos; 163).

CARREGOSA, Marcia Cecilia de Oliveira. *A importância da literatura infantil para a aprendizagem significativa da criança*. 2012. Disponível em: <http://revistas.ojs.es/index.php/letrando/article/view/v1a9> \_ Acessado em 28 de outubro de 2013.

CAVALCANTE, Luciana Matias. *Praticas de professores na Educação Infantil e a incorporação do letramento/alfabetização nas rotinas e nos processos educativos*. 2013. Disponível em: [http://www.epenn2013.com.br/EPENN\\_DISCO/Comunicacoes/GT10-Alfabetiza%C3%A7%C3%A3o-Leitura-e-Escrita/GT10\\_PRATICAS\\_DE\\_PROFESSORAS.pdf](http://www.epenn2013.com.br/EPENN_DISCO/Comunicacoes/GT10-Alfabetiza%C3%A7%C3%A3o-Leitura-e-Escrita/GT10_PRATICAS_DE_PROFESSORAS.pdf) \_ Acessado em 14 de novembro de 2013.

COELHO, Nelly Novaes. *Panorama histórico da literatura infanto-juvenil. das origens indo europeias ao Brasil contemporâneo*. 3 ed. refundido e ampl. \_\_\_ São Paulo: Quiron, 1985.

CULLINAN, Bernice E. *Brincando de ler histórias: como incentivar na criança, desde bebê, o prazer da leitura*; tradução de Suzana Vidigal de Souza neto; adpta de Maria Beatriz Savaldi. —1. Ed.—São Paulo; Tamisa Editora, 2001.

FARIA, Maria Alice. *Como usar a literatura na sala de aula*. – 5 ed., 1ª Reimpressão. —São Paulo: contexto, 2010. —(coleção como usar na sala de aula).

FRANCO, Márcia E. Wilke. *Compreendendo a infância*. Porto Alegre: Mediação, 2002.

GÓES, Lúcia Pimentel- *Introdução á Literatura para crianças e jovens*. —São Paulo: Paulinas, 2010. —(coleção literatura & ensino)

LANTER, Ana Paula. IN. *Infância e Educação Infantil*. (Org.). Campinas. SP: Papyrus, 1999 – Coleção Pratica Pedagógica.

Lei N° 9.394 – Diretrizes e Bases da Educação Nacional. Promulgada em 20/12/1996.

LOUREIRO, Ana C. Educação Infantil: de onde veio... para onde pode ir. In: SÀNCHEZ, Sebastián (Org.). Políticas públicas e formação do professor. – Olinda, PE: Livro Rápido, 2010. 175p.

LOUZADA, Ana Maria. Educação Infantil: teoria e prática. Vitória: CEAPE, 1999.

Ministério da Educação Fundamental de nove anos: orientações para inclusão da criança de seis anos de idade/org. do documento: JeaneteBeauchamp, Sandra Denise Rangel, Aricetra Ribeiro do Nascimento. Brasília. FNDE, 2006.

MAGALHÃES, Maria do Socorro Rios. Literatura infantil: a fantasia e o domínio do real. —Teresina: UFPI, 2001 p. 97.

PAIVA, Aparecida; RODRIGUES, Paula C. de Almeida. Letramento literário na sala de aula: desafios e possibilidades. In: CASTANHEIRA, Maria Lucia; MACIEL, Francisca Izabel P; MARTINS, Raquel Márcia F (Orgs.). Alfabetização e letramento na sala de aula. – 2. ed. - Belo Horizonte: Autentica Editora: Ceale, 2009. – (Coleção Alfabetização e Letramento na Sala de Aula).

PINHEIRO, Alexandra S.; RAMOS, Flávia B. Literatura e formação continuada de professores: desafios da prática educativa. (orgs.). – Campinas, SP: Mercado de Letras; Dourados, MS: Editora da Universidade Federal da Grande Dourados, 2013.

SOARES, M.B. A escolarização da literatura infantil. IN: Evangelista, A. et al (Org.) A escolarização da literatura: o jogo do livro infantil e juvenil. Belo Horizonte. Autêntica 1999.

SOARES, M.B. Letramento: um tema em três gêneros. 2. ed. 2000 Belo Horizonte.

WASJSKOP, Gisele. Professor de Educação Infantil. BRASIL, Ministério da Educação e do Desporto. Secretaria de Educação Fundamental. Departamentos de Política da Educação Fundamental. Referencias para a formação de professores. Brasília. 1999.

ZILBERMAN, Regina. A literatura infantil na escola. – 11. ed. ver. , atual. e ampl. – São Paulo: Global, 2003.

## APÊNDICE

UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAIBA

ARLY OLIVEIRA DA LUZ

CURSO DE PEDAGOGIA

QUESTIONÁRIO PARA O ARTIGO FINAL, CUJO TEMA É: “A Contação de histórias no cotidiano escolar: espaço de criatividade, imaginação e aprendizagem”.

QUESTÕES:

1. COMO VOCÊ VEM TRABALHANDO A CONTAÇÃO DE HISTÓRIA NA SALA DE AULA?
2. É IMPORTANTE A PRÁTICA DE CONTAÇÃO DE HISTÓRIA DESDE A EDUCAÇÃO INFANTIL? E POR QUÊ?
3. DE QUE MANEIRA A LITERATURA INFANTIL ESTÁ SENDO TRABALHADA SIGNIFICATIVAMENTE NA SALA DE AULA?
4. NA SUA PRÁTICA LITERÁRIA A IMAGINAÇÃO E A CRIATIVIDADE DA CRIANÇA ESTÁ SENDO INSTIGADA NO SEU APRENDIZADO E DE FORMA PRAZEROSA?
5. VOCÊ TEM DIFICULDADES PARA TRABALHAR A LITERATURA INFANTIL?
6. A CRIANÇA TEM OPORTUNIDADE DE LEVAR LIVROS INFANTIS PARA CASA? É PROPORCIONANDO A CRIANÇA LIVROS INFANTIS, PARA SER LIDOS EM CASA JUNTO A FAMILIA?